

**SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da;
RIVA, Franco (Orgs.). *Compêndio Gabriel
Marcel: homenagem aos 90 anos de pu-
blicação do Diário Metafísico*. Cascavel:
Edunioeste, 2017, 544 p.**

**Compêndio Gabriel Marcel: homenagem aos
90 anos de publicação do diário metafísico.**

**Gabriel Marcel companion: homage at 90 ye-
ars of publication of the metaphysical daily.**

Ezir George Silva

Professor do departamento de educação da UFRPE

Resumo: O Pensamento de Gabriel Marcel inscreve-se nos discursos e debates sobre Filosofia, Dramaturgia e Música. Marcel foi um escritor fecundo. Ao longo de sua trajetória, produziu dezenas de obras científicas, resenhas e ensaios sobre Filosofia. Entre todos os estilos e produções literárias a do *Diário* é a mais significativa. Nesse sentido, o *Compêndio* revive Marcel como um pensador influente das Ciências Humanas. O trabalho visa tanto homenagear os noventa anos de publicação do *Diário Metafísico* (1927), como colocar em relevo as questões mais profundas da condição humana. O objetivo é apontar subsídios fenomenológicos que ajudem a desvelar o que está por traz

do visível e do aparente, visando conduzir o leitor à consciência de si no mundo. Pretende, ainda, identificar implicações sobre as configurações do processo de formação do Ser, que envolve a integralidade do ser inacabado, seus questionamentos, limites e possibilidades no contexto de uma cultura, técnica, globalizada e democrática.

Palavras-Chave: Compêndio; Gabriel Marcel; Homenagem; Diário Metafísico.

Abstract: The Thought of Gabriel Marcel is inscribed in the discourses and debates on Philosophy, Dramaturgy and Music. Marcel was a fruitful writer. Throughout his career, he has produced dozens of scientific works, reviews and essays on Philosophy. Among all the literary styles and productions of the *Journal* is the most significant. In this sense, the *Compendium* revives Marcel as an influential thinker of the Human Sciences. The aim of this work is to pay tribute to the ninety years of publication of the *Metaphysical Journal* (1927) and to highlight the deepest issues of the human condition. The objective is to point out phenomenological subsidies that help to unveil what is behind the visible and the apparent, in order to lead the reader to self-awareness in the world. It also seeks to identify implications for the configurations of the process of formation of Being, which involves the integrality of the unfinished being, its questions, limits and possibilities in the context of a culture, technique, globalization and democracy.

Keywords: Compendium; Gabriel Marcel; Tribute; Metaphysical Journal.

Organizado pelos professores Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE) – Brasil e Franco Riva – Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão – vem a público, pela Edunioeste, *Compêndio Gabriel Marcel: homenagem aos 90 anos de publicação do Diário Metafísico*. A coletânea conta com professores e estudiosos da filosofia e do pensamento de Gabriel Marcel de países como França, Itália, Espanha, Portugal, Brasil e Argentina. Entre todas as formas e estilos de produções literárias de Gabriel Marcel a do *Diário* é a mais importante e significativa. A semelhança de Sören Aabye Kierkegaard, que

via a Filosofia, antes de tudo, como um “*Diário*” (1844) da existência em sua totalidade, visando compreender seus modos de expressão, explicação e demonstração, Marcel é conhecido e reconhecido, principalmente, por sua obra filosófica; e por ela ter exercido grande influência, dentro e fora dos círculos acadêmicos. Fato é que o pensamento de Gabriel Marcel inscreve-se nos discursos e debates sobre Filosofia, Dramaturgia e Música. Sua investigação consiste em examinar a possível interação entre os fenômenos contínuos e descontínuos das estruturas das vidas pessoal e interpessoal do sujeito existente, a partir dos pressupostos da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança. Nesse sentido, a obra revive Marcel como um pensador influente das Ciências Humanas. O *Compêndio* visa tanto homenagear os noventa anos de publicação do *Diário Metafísico* (1927), pondo, em relevo, as questões mais profundas da condição humana, tendo como princípio corolário a tese de que a existência não pode ser vista como algo que se reduz a termos ou categorias puramente intelectuais. Tomando essa perspectiva mais geral, em Marcel, a experiência de pensamento se ancora no pressuposto de que não há sistema de conjunto no mundo que seja capaz de reduzir o Ser às dimensões do dado e do objetivável. Mais ainda: que o homem está para além das noções do falso e do verdadeiro, do isto e/ou daquilo, porque sua condição de “*ser-em-situação*” ultrapassa qualquer tentativa de representação e classificação técnico-racional, uma vez que a situação humana pertence ao domínio do não-qualificável. Nessa medida, em vão, buscaremos, em Marcel, obras estritamente sistemáticas. Ao escolher a forma de diário, Marcel propõe fazer do olhar filosófico um modo de investigar em que condições e de que modo o sujeito se articula com sua própria realidade; em analisar uma certa via profunda de análise através de uma ‘*anamnesis*’, por onde se pretende evocar e explorar as dimensões do Ser, anteriormente, esquecidas. Nestes termos, cabe ao filósofo, mediante os pressupostos da reflexão metafísica, procurar restaurar o elo nupcial entre o Ser e a existência, entre o homem e sua realidade.

Partindo, então, do horizonte filosófico existencial, o que o *Compêndio* fornece são subsídios fenomenológicos que

pretendem desvelar o que está por traz do visível e do aparente, visando conduzir o leitor/sujeito à consciência de si no mundo. Nesta direção, para que o leitor tenha, em primeiramao, um breve panorama da proposta, destacamos, sumariamente, cada um dos temas arrolados.

A organização do *Compêndio* é estruturada em cinco núcleos: **Dramaturgia e Música, Heurística, Corporeidade, Intersubjetividade e Existência e Transcendência**. O primeiro, intitula-se *Dramaturgiae Musicae* é composto por cinco tópicos de capítulos, a saber **A Publicação do Diário Metafísico: os anos de hesitação entre teatro e filosofia**. De autoria de Anne Verdure-Mary, o texto aponta, preliminarmente, os pressupostos que decidem os caminhos da carreira de Gabriel Marcel. Ao tomar como base o teatro, Marcel nos coloca diante de grandes intuições humanas, nos convidando a caminhar rumo a uma luz pressentida, mais que simplesmente vista, que apesar das trevas, chama-nos ao consolo e à esperança nos dias de hoje. Dessa maneira, a clarividência do nosso dramaturgo equivale a dizer que ele não fez do teatro o instrumento de uma ideologia. Sua produção teatral pretende discutir o modo como as relações intersubjetivas se exprimem para fora de uma atmosfera idealista e para além das injustiças sociais do seu tempo.

No segundo capítulo, pretende-se problematizar a perspectiva existencial **Entre Ontologia e Drama: Marcel e Sartre**. Para Luca Aloï, autor do texto, a oposição entre Sartre e Marcel pode ser exemplificada a respeito da compreensão que ambos possuem sobre o “outro”, enquanto um Ser diferente de “mim”. Enquanto Sartre diz que o olhar do outro nos rouba qualquer coisa, para Gabriel Marcel, há olhares que nos revelam a nós mesmos, que nos revelam também o outro e que nos revelam o mundo. À filosofia do desespero em Sartre, Marcel opõe sua metafísica da esperança. Trata-se de uma confiança no humano que não se confunde com otimismo, mas, que reside e se fundamenta na experiência interna e espiritual da fé; na fé-confiança naquilo que o homem é e poderá se tornar, no mais íntimo do seu Ser. Conquanto se pense que as diferenças

entre Sartre e Marcel não possam ser resolvidas por meio do simples contraste filosófico, reconhecemos que é no teatro que podemos vê-los dialeticamentepor meio do comportamento de fundo de seus personagens: o olhar que oscila entre os elogios e as críticas acerca do “teatro de tese” e do papel do filósofo em procurar restaurar o elo nupcial entre o Ser e a existência, entre o homem e sua realidade.

No terceiro capítulo, ***A Filosofia de Gabriel Marcel Como Um Drama: ou a condição do homem contemporâneo como um drama***, o autor *Paulo Alexandre Marcelino Malafaia*, não pretende discutir a dramaturgia marceliana. Seu objetivo é apontar como seu pensamento filosófico não se dirige apenas à realidade de um único tempo, mas a todos aqueles e aquelas que, em toda parte, vivenciam o drama da busca existencial que, exigindo ser concretizada, se oculta e se revela iluminada em nosso caminho humano. Para Marcel, a condição do homem é de ser-em-situação, que é no drama e através do drama que o pensamento metafísico se apreende a si mesmo e se define *inconcreto*.

No quarto capítulo, ***Mistério e Problema Como Chave de Leitura do Drama Um Homem de Deus***, *José André de Azevedo* toma como referência uma das obras teatrais de Marcel que ficou mais tempo em cartaz na década de 1950 em Paris, França. O caráter existencial da peça se desdobra em função da relação que há entre o Ser, sua história e a condição subjetiva que comporta sua própria humanização. Submerso no âmbito de uma profunda crise familiar, seus personagens se veem obrigados a se revelarem e resolverem-se existencialmente pelas suas próprias ações. Nesse sentido, as peças abrem um convite a buscar os elementos humanos em suas próprias experiências por meio da interface entre o “*problema*”, que condiciona nossa existência, e a dimensão do “*mistério*” que nos liberta para além da inautenticidade.

No quinto capítulo, ***Por uma Ontologia e uma Ética da Escuta: música e filosofia em Gabriel Marcel***, conforme *Roberto Celada Ballanti*, encontramos a visão do homem como um Ser à escuta. A música é, na compreensão de

Marcel, uma ciência fundamental, isto é, um modo de busca e apreensão do real que o integra, envolve, provoca e o ultrapassa. É um caminho de diálogo e conexão entre as dimensões física, emocional, sensorial, mental e espiritual do Ser, por onde as manifestações abstratas da realidade se expressam e se encarnam à medida que adquirem forma de ritmo, melodia e som. Desde a adolescência, Marcel adquiriu o hábito de improvisar melodias ao piano. Trata-se de uma experiência espiritual de libertação e transcendência. A música é mistério ontológico, ou seja, uma fonte potencial do Ser, que se orienta em direção à liberação e/ou à desmaterialização do pensamento. A música medeia a relação entre o Ser, o sentir, o pensar, o falar e o fazer.

O segundonúcleo da obra denomina-se **Heurística**. Trata-se de um princípio de descoberta constituidor da condição humana que o leva ao desvelamento do “mistério”; mistério no qual, ele próprio, está envolto no mundo. A construção deste núcleo se define em cinco partes, onde os autores discutem as categorias marcelianas do pensar e do fazer concreto. Algo que aparece no primeiro momento sob a inscrição do título; **Gabriel Marcel: a gênese ininterrupta do pensamento a partir do Diário Metafísico**. Para *Iolanda Poma*, autora do texto, no processo de saída e entrada em uma nova realidade, nosso autor nos convida a tomada de consciência do mundo invisível, as experiências metapsíquicas que influenciaram o desenvolvimento do seu pensamento. O que se alude aí é a atitude de uma mente aberta às ordens do visível, invisível e ao infravisível. Movido pela intuição de que a realidade é mais extensa e profunda que aquela que podemos perceber e pensar, Marcel considera os fenômenos espirituais como dilatações do real. O processo de redimensionamento do sujeito humano que o leva a construção de um amplo e “novo” conhecimento para uma nova experiência diante da vida e da própria condição espiritual do Ser perante à morte.

O segundo capítulo **Estado de Anarquia Interior? A Experiência de Escrita de um Diário Metafísico**, *Ronaldo Manzi* deixa-nos claro que, a escrita, para Marcel, representa um ato de solicitude. Trata-se de algo que, desde a in-

fância, o filósofo experimentara por ter que conviver com as ausências de seu pai, a experiência de ser filho único e a perda de sua mãe, em 15 de novembro de 1893, quando lhe faltavam três semanas para completar quatro anos. Sob esse prisma, cabe notar que as primeiras anotações do *Diário* são feitas despropositadamente, sua escrita não foi feita com a intenção de publicação e/ou preparação de uma obra sistemática. Pelo contrário, tratava-se da indicação de um caminho de reflexão pautado pelos princípios da abertura do pensar, da inquietude metafísica e da busca espiritual. Por isso, o mistério não se reduz ao racional, o eu não se perde no condicionamento do tu e a própria ciência se abre ao diálogo pautado numa lógica tanto do inter como do transpessoal. O *Diário* é a expressão do Ser-itinerante; a experiência de busca de um eu-tu que nos conduz à transcendência do eu-isso.

No terceiro capítulo, ***Sob os Passos do Pensar Concreto: Bergson e Marcel***, Julia Urabayen nos mostra que Gabriel Marcel é um mestre da interlocução. As temáticas abordadas em suas obras dialogam e entrecruzam-se diretamente com vários autores das grandes correntes da Filosofia através dos tempos. Com Bergson, mestre da intuição, sua preocupação consiste em problematizar tanto a natureza da racionalidade como questionar acerca da possível superação dos seus limites, no âmbito da sociedade tecnológica. Partindo do pressuposto que a razão moderna é insuficiente para explicar o “mistério” que é o homem e seu existir, tanto Marcel com Bergson chamam à atenção para a necessidade de ampliação acerca do modo de pensar e fazer da própria Filosofia.

No quarto capítulo ***O Logos Itinerante: notas introdutórias ao pensamento de Gabriel Marcel***, Luciano Santosfala acerca da Filosofia como busca e caminho de aproximação. Ao abrir sua casa, nas noites de todas às sextas feiras, para diálogos, Marcel fez do uso da mera palavra uma práxis filosófica decifração da condição humana na sua realidade concreta. Movido por uma hermenêutica-fenomenológica se pôs a refletir acerca da exigência de Ser, o chamado ontológico que pretende conduzir o homem a pensar sobre o mistério que é ele

mesmo, diante dos conflitos e dramas da sua própria existência. Concebida como “*criação dramática*” a reflexão ontológica encontra na ânsia do ter o pressuposto tanto da negação como de sua forma digna de Ser. A condição de Ser itinerante assinala, por si só, uma recusa do homem aos processos que pretendem sua fração, funcionalização e massificação. Na quinta e última parte, deste segundo núcleo, Roberto S. Kahlmeyer-Mertens pondera, como autor, sobre **A Filosofia em “primeira pessoa” de Gabriel Marcel**. Ao fazer distinção entre ser e ter, a filosofia marceliana evitou o comportamento teórico meramente pragmático e objetivável. Para além das posturas idealistas e de hipóstases, Marcel pensa pensando, questionando, indagando e explorando. O movimento espiral hermenêutico, deixa evidente que todo conhecer é mais do que simples empiria ou sistematização teórica. Ao tratar acerca da díade “*problema*” e “*mistério*” somos conduzidos a sair do nível do pensamento pensado para o âmbito do pensamento pensante, cuja heurística é o inverificável e ponto de partida é o próprio conceito de “*concreto*”. Filosofar na primeira pessoa representa tomar o corpo como ponto que me coloca aberto para diante e para além do mundo.

O terceiro núcleo chama-se **Corporeidade**. Conforme Marcel, o mistério do Ser e a presença são aspectos de uma mesma realidade. O existir não é uma presença que me comporta, determina e totaliza. Existir é uma presença criadora que me envolve, afeta e desvela-me através da mediaticidade das experiências de encontro e comunhão. Separar as categorias do corpo, presença e mistério é deixar-se conduzir pelas teorias que advogam a favor dos dualismos *eu-isso*, *corpo-coisa* e *corpo-instrumento*. Neste sentido, é que este núcleo da obra pretende seguir. Sendo assim, ao tomar a noção de corporeidade como expressão de uma presença que ultrapassa os limites das noções de espaço, tempo e matéria, é que se discute, no primeiro momento, sobre **O Mistério do Sentir: sensação, sentimento e ipseidade na metafísica sensualista do Journal Métaphysique**. Conforme a obra de José Manuel Beato, Ser, sentir e sentimento são afirmações da presença do ser-em-situação. A resposta à pergunta cosmológica-existencial

“que sou? transmuta-se na resposta “eu sou meu corpo”. A sensação medeia a imersão participativa do homem no mundo à medida que o situa em si mesmo como presença e encarnação.

No segundo capítulo o debate é ***Entre Körper e Leib: Gabriel Marcel e o Corpo como Ur-Gefühl***. O autor *Claudinei Aparecido de Freitas da Silvanos* diz que, este é momento onde Marcel discute sobre a distinção entre “*corpo-objeto*” e “*corpo-sujeito*” e suas projeções para além do idealismo fenomenológico de orientação husserliana. Separar as categorias do corpo, presença e mistério é deixar-se conduzir pelas teorias que advogam a favor dos dualismos *eu-isso*, *corpo-coisa* e *corpo-instrumento*. A interface *eu-corpo* reconhece a dimensão do mistério como parte integrante da metafísica do Ser. No pensamento metafísico marceliano, o mistério situa-se na relação entre o *eu-corpo* e sua transcendência. Ora, na experiência *eu-corpo*, o Ser não se deixa comprimir pela totalidade. A dimensão do mistério da encarnação reúne os aspectos do íntimo e do externo, do visível e do sentido, do cotidiano e da vida, do imanente e do transcendente. A reflexão marceliana, em torno do mistério da corporeidade, nos chama a atenção para a construção de uma ontologia onde o ser não é afirmado, mas afirma-se a si mesmo através da encarnação.

No terceiro capítulo, o diálogo sobre o corpo encontra na temática, ***Sensibilidade Encarnada na Filosofia de Gabriel Marcel e Emmanuel Levinas***, sua expressão de contestação mais pontual por dentro da tradição filosófica. Segundo o autor, *Silvestre Grzibowski*, em Marcel o corpo encontra a recusa de não se deixar reduzir a um mero instrumento, enquanto que, para Levinas, assume uma posição de materialidade através da própria vida sensível. Neste sentido, o desejo deixa de ser mera necessidade para assumir, num sentido metafísico, a condição de exigência ontológica e transcendente. Trata-se daquilo que não saciamos jamais, mas que se constitui num “*Ethos*”, que contém mais do que ele pode reter; um excedente da presença sobre, no e do infinito.

O quarto núcleo intitula-se ***Intersubjetividade***. A intersubjetividade é parte fundamental da ontologia de Gabriel

Marcel. Ao fundar-se na relação entre o Eu e o Tu, as reflexões marcelianas opõem-se aos processos objetivistas das relações sociais, quando pretendem, não só a abstração da subjetividade do Ser, como o esvaziamento das relações humanas e existenciais. Anuncia, no primeiro capítulo, com base no olhar de *Martín Grassi*, a temática que trata sobre **A Comunidade Radical na Filosofia de Gabriel Marcel**. Por comunidade entenda-se o núcleo da experiência humana e seus respectivos modos de vivências existenciais. Na comunidade, o Ser se opõe aos processos de abstração e massificação. Por ela, o homem se vê chamado a participar de uma fraternidade universal e transcendente.

No segundo momento, **Marcel e a Crise na Família**, a autora *Diana Gianola* destaca, como foco, a desconstrução da “*tradição familiar*”, em suas múltiplas fraturas e facetas. Ao tratar sobre estas fraturas leva-se em consideração tanto os processos de atomização como de coletivização, onde em ambos se perde os laços em prol da subjetividade e da intimidade, em favor de uma “*nudez*” social. A família é um “*mistério*”, um lugar de infinitos aspectos e complexidades inextricáveis. Na família, tempos, espaços e pessoas são transmutados, se eternizam ao encontrarem no “*fulcro da esperança*” a sua própria forma de amar, ser e estar com o outro. O “*mistério familiar*” é, para o Ser, um manancial de relações que tem seu único possível enraizamento na transcendência.

No capítulo três, **A Morte do Outro**, *Gülcevahir Sahin Granadetrata* sobre o “*signo da morte*” como comoção existencial. A existência permanece alojada na transcendência, pois o que se encontra exposto à destruição pela morte é a “*manifestação*” ou a “*aparência*”, de modo nenhum o *ser*. A morte do outro transformou-se numa verdadeira “*situação-limite*”, quando o outro, “*o próximo*”, revela, para nós, um caráter total, apresentando-nos como único e irrepitível. A minha morte é, apesar de tudo, a *situação-limite* decisiva, pois sendo eu que morro, minha morte reveste-se de um caráter único, não objetivo, não conhecida de um modo geral. Segundo Marcel, as únicas pessoas que morrem são aquelas que não amamos, com quem estamos

em conflito, ou a quem somos indiferentes. Nestes termos, a questão que se levanta é se não há em Marcel, em sua filosofia, uma aporia insustentável e, diríamos, bem fundamentada?

Na quarta parte, *Ramon Caiffa* comenta sobre o **Eu e o Outrem: o valor da intersubjetividade segundo Gabriel Marcel**. A temática da intersubjetividade é a pedra de toque da filosofia marceliana, isto é, a base de sustentação de toda sua compreensão metafísico-existencial. Trata-se do lugar onde Marcel nos introduz nas fontes da linguagem existencial própria de seu pensamento. Fundada no diálogo entre o “eu e o tu”, as relações intersubjetivas se afirmam e se revelam por meio da dialética do amor, da paciência e da pluralização, à medida que cada um se coloca em uma escuta atenta das necessidades do outro e das apreensões das subjetividades no âmbito da comunidade humana.

O quinto e último núcleo da obra denomina-se **Existência e Transcendência**. A tríade - *ser, existência e transcendência* – aparece, no *Diário Metafísico* de Gabriel Marcel (1927) como o caminho pelo qual o homem poderá ascender a uma dimensão superior e/ou alcançar o fulcro mais profundo do seu próprio Ser. Como caminho de acesso às vias mais profundas do Ser, propõe-nos a análise da relação que há entre a exigência imanente, a situação histórica do sujeito e os respectivos modos de apreensão da sua própria existência. Algo que, no capítulo primeiro, o autor *Franco Riva* discute por dentro do seguinte tema: **Viver Como Homens: Ricoeur, Marcel, Kant e Pirandello**. Reduzir ou participar? Impessoal ou pessoal? Viver alheio ou engajado? Eis, entre outras, as possibilidades da vida em comunidade. Com isso, ao levar em consideração as situações dramáticas, as questões éticas passam a existir e coexistir em conexão e oposição ao Eu. Trata-se de um desafio de lançar-se para longe de si e comprometer-se existencial e coerentemente. O ato de viver como homem nos lança para dentro e além das nossas próprias consciências, exigindo, pois, uma ontologia existencial onde o Ser só poderá encontrar-se consigo mergulhado na dimensão do mistério metafísico que é ele próprio.

No capítulo dois, **Marcel e Nietzsche: existência e morte de Deus**, nos deparamos com a atitude respeitosa do nosso autor, ao afirmar na conferência “*Nietzsche: l’homme devant la mort de Dieu (1964)*”, que “*Nietzsche está aqui entre nós*”. Para, Paolo Scolari, diante do epítáfio “*Deus está morto*”, ambos os filósofos ponderam acerca do anacronismo e/ou plausibilidade dos seus argumentos e respectivos tempos e contextos acerca da morte de Deus. Será a morte de Deus a última palavra? É possível falar de transcendência em Nietzsche? Para além dos meros aforismos e pontos de vistas lacônicos, Marcel reconhece no filósofo do niilismo um mestre da transcendência. A questão é: será?

No terceiro capítulo, *Maria Pastrello* apresenta a discussão sobre **O Mal, a Teodiceia, o Outro**. O mal acompanha o homem desde sempre. Superá-lo, vencê-lo e/ou, quiçá, diminuir seus efeitos devastadores são as grandes aspirações da humanidade ao longo dos tempos. Em Marcel, sua discussão encontra-se em importantes obras teatrais. Seu modo de tratamento não consiste, todavia, na aplicação de receitas, práticas de repressão ou limites existenciais. Sua resposta não está em uma concepção simplificada teodiceia nem no ateísmo, porque contradiz a confiança na vida e no ser humano.

Por último, conclui-se, o quinto núcleo, com o capítulo de autoria de *Nicolás Balero Reche*, que trata sobre **A Felicidade na Entrega: o olhar de Gabriel Marcel sobre o sentido da vida**. Existe um sentido da vida? Por dentro da situação histórica da realidade e para além dos processos de coisificação do homem, Marcel compreende que há um sentido para vida que se expressa através da entrega generosa e da disponibilidade. Estar disponível não é o mesmo que está à disposição de alguém ou situação, mas, encontrar-se em abertura para acolher o outro em toda subjetividade humana. Implica em não estar como homem contra o humano, mas tomar consciência da responsabilidade que me cabe nesta vida, como ser que vive em-condição-comunitária. A entrega de si ao outro no gesto de servi-lo é a realização do homem.

Em um sentido profundo, o *Compêndio* que ora se dispõe ao público de língua portuguesa, se configura como um desafio e uma dádiva. Trata-se de um esforço para elucidar o mistério da existência humana, a qual nunca é apreendida em dissociação com o Outro e o mundo. Tal trabalho coletivo caracteriza-se por uma abordagem heurístico-fenomenológica que, a semelhança de Gabriel Marcel, busca encontrar, na existência e nas potencialidades humanas, seu principal objeto de análise, visando contribuir para a fundamentação de um pensamento filosófico voltado para o homem, em sua integralidade e concretude.

Sob este prisma, tão oportuno quanto fecundo, o presente *Compêndio* representa uma relevante contribuição não somente para os estudiosos do pensamento de Gabriel Marcel no Brasil e no mundo, mas para os leitores afetos à rica tradição fenomenológico-existencial. Deste modo, acrescentamos que a amplitude e diversidade da produção acadêmica desta obra, acenam para uma gama de temas, ideias, discussões e elaborações que poderão se mostrar promissoras dentro do cenário da sociedade atual. O livro abre ainda pontos de partida para outros estudos e pesquisas via abordagens existenciais.